O SILÊNCIO DAS RAÍZES

O SILÊNCIO DAS RAÍZES

NUNO COELHO

Há histórias que começaram
muito antes de nascermos.

LUMINA · LIVROS COM VIDA

Autor: Nuno Coelho
ISBN: 9789403960982
© 2026 Nuno Coelho. Todos os direitos reservados.
Publicado por Lumina — Livros com Vida, através da Bookmundo.

Há histórias que começaram
muito antes de nascermos.

ABERTURA

Antes da Primeira Raiz

Há uma oliveira à entrada da aldeia que ninguém sabe quem plantou.

Os mais velhos dizem que já lá estava quando nasceram. Os pais deles diziam o mesmo. Ninguém lhe conhece o dono, a data, o motivo. Sabe-se só que alguém, um dia, abriu um buraco na terra e meteu lá uma coisa pequena, sem a certeza de que chegaria a ser grande.

Hoje as crianças sentam-se à sua sombra. Os homens encostam-se ao tronco à espera do autocarro. Ninguém pensa em quem a plantou.

Connosco é igual.

Temos um nome, alguns rostos na memória, uma casa onde fomos felizes ou onde aprendemos cedo o que era o medo. Mas por baixo disso há uma terra inteira de que não sabemos nada. Gente que trabalhou até as mãos deixarem de servir. Gente que

partiu num barco, ou a pé, e não voltou. Mulheres cujo nome se perdeu nos registos, mas cujos gestos chegaram à nossa cozinha.

Não os conhecemos. Mas a maneira como pegamos numa faca de pão, como engolimos uma raiva, como dizemos «não faz mal» a quem está a chorar, talvez venha de lá.

Nem tudo o que vem de lá é bom. Nem tudo é nosso para guardar.

Ao fim da tarde, a sombra da oliveira chega à estrada, muito mais longe do que o tronco alguma vez chegou.

PARTE

I

O CHÃO

Antes de termos uma família, já pertencíamos
a uma história.

1

A História Que Já Estava a Ser Escrita

Quando nascemos, a história já vai a meio.

Ninguém nos pergunta se queremos entrar. Abrimos os olhos numa casa que já tem móveis, cheiros, hábitos, uma maneira de dizer bom dia ou de não dizer nada. Há quem já nos espere com um nome escolhido. Há um quarto, ou não há. Há uma língua à nossa volta, e é nela que vamos aprender a pensar.

Tratamos o nascimento como um começo. Para os outros, é uma chegada.

Experimenta fazer uma conta simples. Tens dois pais, quatro avós, oito bisavós. Dezasseis trisavós, e já quase não lhes sabemos os nomes. Se continuares a recuar, duplicando a cada geração, em vinte gerações a conta passa do milhão. Na realidade os números não são tão limpos, porque as famílias casavam dentro das

mesmas aldeias e muitos antepassados repetem-se na árvore. Mas a ideia fica: para estares aqui, a ler esta página, foi preciso um número de pessoas que nenhuma mesa comporta.

E não bastou que existissem. Foi preciso que se encontrassem.

Imagina uma feira de aldeia, há mais de cem anos. Um rapaz que não devia ter ido, porque o irmão adoeceu e alguém tinha de vender os animais. Uma rapariga que só lá estava por acompanhar a tia. Trocam duas palavras sobre o preço de um cesto. Nada mais. Mas daquele cesto, daquele dia e daquela doença do irmão, depende uma linha de gente que chega até ti.

Agora multiplica isto por todos os encontros que tiveram de acontecer. Cada um tão frágil como esse. Um comboio perdido. Uma guerra que levou um homem para longe e o trouxe de volta, ou não. Um inverno que matou uns e poupou outros. Uma doença que passou ao lado de uma criança que viria a ser a avó de alguém.

Nenhuma destas pessoas sabia que estava a escrever a tua história. Estavam a tratar da sua: a trabalhar, a ter medo, a casar por amor ou por conveniência, a partir, a ficar. A tua existência foi uma consequência que nenhuma delas planeou.

Isto pode ser vertiginoso. Também pode ser outra coisa. Quando percebemos que a nossa vida assenta numa cadeia tão longa e tão improvável, é difícil continuar a pensar que começámos do zero, ou que tudo o que somos foi decidido por nós.

Não é preciso dar-lhe nenhum sentido especial para que isso seja verdade. Quem acredita num destino pode vê-lo ali. Quem não acredita pode ver apenas a soma de muitos acasos. O facto é o mesmo: já havia uma história, e tu entraste nela.

Há uma coisa que tendemos a esquecer. Essas pessoas não foram figuras de museu. Tiveram manhãs em que não lhes apetecia levantar-se. Tiveram filhos de que se orgulharam e outros com quem não souberam falar. Tiveram mãos cansadas, dívidas, saudades, um riso que alguém ainda imitava anos depois de elas partirem.

Alguma coisa disso ficou.

Não sabemos o quê, nem em que medida. Nos capítulos que se seguem vamos procurar, com cuidado, separar o que é sangue, o que é casa, o que é cultura e o que talvez seja outra coisa. Por agora, basta isto: quando chegaste, a mesa já estava posta.

2

Os Nomes Que Não Escolhemos

A primeira coisa que alguém nos deu foi um nome.

Antes de sabermos falar, já respondíamos por ele. Antes de termos opinião sobre qualquer coisa, já alguém o tinha escolhido, discutido, riscado e voltado a escrever num papel. Às vezes foi o nome de um avô que morreu pouco antes de nascermos. Às vezes foi o de uma atriz, de um santo, de uma pessoa de quem os nossos pais gostavam e que nós nunca conhecemos. Às vezes foi simplesmente o único em que se chegaram a acordo.

Há quem passe a vida a achar que o nome não lhe assenta. Há quem nunca tenha pensado nisso. Quase ninguém o escolheu.

E depois há o apelido, que é ainda menos nosso.

Muitos apelidos portugueses guardam, quase intactos, a vida de quem os usou primeiro. Fernandes, Rodrigues, Gonçalves,